



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Lívia Lopes Rezende

*Transição
Existência e Resistência*

**RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pelo Prof. Fernando Crocomo
no segundo semestre de 2017
Orientadora: Prof^ª Flávia Guidotti**

**Florianópolis
Dezembro de 2017**

| | | |
|---------------------|---|--|
| FICHA DO TCC | Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC | |
| ANO | 2017.2 | |
| ALUNO | Lívia Lopes Rezende | |
| TÍTULO | Transição: Existência e Resistência | |
| ORIENTADOR | Flávia Guidotti | |
| MÍDIA | | Impresso |
| | | Rádio |
| | X | TV/Vídeo |
| | | Foto |
| | | Website |
| | | Multimídia |
| CATEGORIA | | Pesquisa Científica |
| | | Produto Comunicacional |
| | | Produto Institucional (assessoria de imprensa) |
| | X | Produto Jornalístico (inteiro) |
| | | Reportagem () Florianópolis livro-reportagem (X) Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____ |
| ÁREAS | Webdocumentário; cidadania; transexuais; Direitos Humanos | |
| RESUMO | Este Trabalho de Conclusão de Curso é um WebDocumentário sobre a questão de direitos humanos de transgêneros no Brasil. Propõe mostrar um breve histórico da Carta de Direitos Humanos da ONU, as leis e portarias que já existem, dificuldades e melhorias na vida dessas pessoas e trabalho de ONG's que se dispõem a ajudá-los. O Brasil é o país que mais registra morte de transgêneros no mundo, segundo pesquisa recente da Rede Trans Brasil. O objetivo é explicar o que é uma pessoa trans - distinguindo orientação sexual de gênero -, e mostrar que eles também merecem respeito e igualdade. Será narrado apenas com as entrevistas, mostrando suas realidades, dificuldades e avanços. | |

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer meus pais. Pois sem o apoio deles, eu não teria saído de casa, para ir estudar em outro estado. Mas especialmente minha mãe, Maria José, porque foi ela quem nunca me deixou desistir, mesmo com todas as dificuldades que passei nesse ano. Porque ela sabia, desde quando tinha 13 anos, que esse era meu sonho.

Quero agradecer a Jéssica Ulian, pela ajuda a encontrar meu tema. Pelas risadas e momentos de descontração nesse ano turbulento. E principalmente pela sua amizade de 11 anos. Por ver o documentário, me ajudar com fontes, me dar todo seu apoio mesmo há 800km de distância. Obrigada “Cristi”.

Meu muito obrigada também a minha orientadora, Flávia Guidotti, pelas várias reuniões. Por me manter firme e forte no meu foco, e não perder ele.

Às minhas companheiras de curso, Gabriela Bankhardt e Roberta Bucheler. Por todo os quatro anos de amizade, por me ajudar durante esse ano, quando eu queria apenas desistir. Estarei sempre com vocês.

Às minhas fontes. Que cederam tempos de suas vidas, para poder me ajudar a construir essa narrativa, que se abriram para contar um pouco de suas histórias, e mostrar que a luta continua.

Minhas amigas Larissa Lannes, Monique Brandão e Paula Fernandes. Que sempre me auxiliaram nas ideias e finalizações desse webdocumentário.

E a toda minha família. Que eu amo demais, e me ajudaram todos os dias com palavras, para que eu não desistisse e chegasse a graduação. Meu irmão André, e minha tão amada vó Maria Aparecida, que me criou, e me fez ser quem eu sou hoje.

E finalmente a todos os professores do curso de Jornalismo, que me formaram a jornalista que sou. Muito obrigada!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um WebDocumentário sobre a questão de direitos humanos de transgêneros no Brasil. Propõe mostrar um breve histórico da Carta de Direitos Humanos da ONU, as leis e portarias que já existem, dificuldades e melhorias na vida dessas pessoas e trabalho de ONG's que se dispõem a ajudá-los. O Brasil é o país que mais registra morte de transgêneros no mundo, segundo pesquisa recente da Rede Trans Brasil. O objetivo é explicar o que é uma pessoa trans - distinguindo orientação sexual de gênero -, e mostrar que eles também merecem respeito e igualdade. Será narrado apenas com as entrevistas, mostrando suas realidades, dificuldades e avanços.

Palavras-chave: WebDocumentário; Jornalismo; Transgêneros; Direitos Humanos

Sumário

| | |
|--|-----------|
| 1. Introdução | 6 |
| 1.1 Apresentação do Tema..... | 6 |
| 1.2 Justificativa do Tema e Formato..... | 8 |
| 2. Processo de Produção..... | 11 |
| 2.1 Pré-Apuração | 11 |
| 2.2 Entrevistas e Fontes | 12 |
| 2.3 Roteiro..... | 15 |
| 2.4. Edição | 16 |
| 3. Dificuldades..... | 18 |
| 4. Aprendizado | 20 |
| 5. Recursos..... | 21 |
| 6. Conclusão | 22 |
| 7. Referências Bibliograficas | 23 |
| 7.1 Filmografia..... | 24 |
| 8. Anexos..... | 25 |
| 8.1 Roteiro..... | 25 |
| 8.2 Autorização | 40 |

1. Introdução

1.1 Apresentação do Tema

Esse webdocumentário, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), se propõe a mostrar a realidade de pessoas transgêneras no Brasil. Sendo transgêneros, pessoas que não se identificam com o gênero que foi designado no seu nascimento, conforme a psicóloga e pesquisadora trans, Jaqueline Gomes de Jesus:

Chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento. Como já foi comentado anteriormente, nem todas as pessoas são assim, porque, repetindo, há uma diversidade na identificação das pessoas com algum gênero, e com o que se considera próprio desse gênero. Denominamos as pessoas não-cisgênero, as que não são identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans. (JESUS, 2012, pg. 10)

Essa diferenciação é muito importante, tanto para o vídeo, quando para entender todo esse trabalho de conclusão de curso. Tendo como base a garantia dos Direitos Humanos, assinado pelo Brasil na Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948.

A Declaração origina da Organização das Nações Unidas (ONU) – criada em 1946, pós 2ª Guerra Mundial. Traz os direitos básicos à vida humana, como o direito à vida, à liberdade, à segurança, etc. Mostrando que todo ser humano é igual e, por isso, merece os mesmos direitos, independentemente de cor, gênero, etnia, etc. Sendo o seu conhecimento fundamental para melhorar da qualidade de vida.

Conforme Trindade (2002), a percepção jurídica sobre os direitos humanos configurou uma unidade universal, indivisível, interdependente e inter-relacionada na sociedade. Esse pensamento também é reforçado por Hannah Arendt (2012), que afirma em suas pesquisas que a Declaração dos Direitos do Homem significou o anúncio da emancipação do homem, já que foi a partir daquele momento que ele se tornou a fonte de toda a lei.

Além disso, a ONU conta com a ajuda de diversas ONGs pelo mundo. Suas ações ajudam a aproximar a Organização das realidades locais onde acontecem as violações dos Direitos Humanos. Como explica Lucia Nader,

Inúmeros são os desafios para participação das ONGs, destacando-se: (1) o difícil processo de obtenção de status consultivo para aquelas que ainda não o possuem; (2) os altos custos financeiros e a falta de disponibilidade de quadros para participar das sessões em Genebra; (3) a falta de capacitação sobre o funcionamento e modos de ação no Conselho de Direitos Humanos; (4) a falta de acesso à informação, incluindo as barreiras linguísticas e (5) a dificuldade em enxergar benefícios concretos dessa participação para o trabalho do dia-a-dia em seus países de origem. (NADER, 2007).

Mesmo tendo dificuldades, a ONU é a maior organização internacional, e realiza diversos projetos em vários assuntos, não só em relação a guerras.

Mas no Brasil, apesar de contar com várias ONGs, a Carta, e todo o trabalho da organização relativo aos Direitos Humanos, ainda é classificado como o país que mais mata transexuais. Esse é um assunto que vem sendo muito abordado pela mídia e sociedade nos últimos anos. Retratado no filme “A Garota Dinamarquesa” (2016), e na recente novela da Rede Globo “A Força do Querer” (2017). Ainda é um tema complexo, pois se confunde muito transexualidade (quem eu sou) com opção sexual (de quem eu vou gostar, se é de mulheres, homens, os dois, nenhum, etc). Isso se deve, pelo fato de que Transgênero está junto na sigla LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, sendo os três primeiros termos referentes a opção sexual, e apenas o último a gênero. Essa diferença é descrita pela psicóloga Jaqueline Gomes de Jesus:

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual. (JESUS, 2012, pg 12)

Essa escolha de gênero causa mais discriminação, pois além de fugirem dos “padrões” impostos pela sociedade, ainda há o fato de que são confundidos com homossexuais, o que pode, ou não, acontecer. Isso causa mais violações aos seus direitos, como explica a socióloga Berenice Bento:

O que está posto é uma disputa clara, aberta com os valores hegemônicos que localizam e conferem direitos apenas a uma parcela da humanidade. Esta disputa revela a precariedade de um sistema de gênero e sexualidade assentado no império biológico, e consequentemente, na genitalização das relações sociais. Esta precariedade pode ser observada quando milhões de pessoas ocupam espaços públicos demandando humanidade e tencionando os limites dos Direitos Humanos, quando pessoas transexuais reivindicam direitos e põe em cena o debate sobre a diversidade de gênero. (BENTO, 2008, pg 179)

Apesar de hoje no Brasil existir algumas leis e portarias que garantem alguns direitos básicos para esse segmento, ainda é muito precário. Há todo um constrangimento em ter um nome diferente da sua aparência física. Pois para mudar o nome, é preciso solicitar uma ação judicial com laudos médicos, já que no Brasil, a transexualidade é considerada um “transtorno de identidade”. Para a cirurgia de redesignação sexual, desde de 2008 é oferecida pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mas para conseguir seu lugar na fila, a pessoa tem de passar por dois anos de acompanhamento psicológico.

Segundo dados do “Dossiê: a Geografia dos Corpos das Pessoas Trans”, divulgado pela Rede Trans Brasil em 2016, foram 144 assassinatos – que foram notificados pela imprensa ou rede social –, sendo 70% em vias públicas. De acordo com o IBGE, a expectativa de vida é menos do que a metade da média nacional, sendo de 25 anos para a população trans e de 75 anos para o restante. A Secretaria Especial de Direitos Humanos registrou em 2015, 1883 denúncias contra a população LGBT - 42% discriminação, 39% violência psicológica, 17% violência física, entre outros. Fernando Pocahy, professor de psicologia, confirma que essa violência piora em pessoas trans:

E uma constatação antiga: as travestis e transexuais, embora em menor número, são aquelas que os dados apontam como estando mais expostas às situações de violência, sobretudo no que diz respeito à permanência em espaços públicos e com nuances de violência graves. (POCAHY, 2007, pg 22)

O Dossiê também mostra, e assegura o posicionamento do professor, de como é visível a violação de direitos básicos para transexuais. O estudo revela que os avanços são poucos. Apenas há a política de nome social, que ainda sim, é desrespeitada em hospitais e delegacias. E mesmo a sua denúncia, é motivo de constrangimento.

É nesse contexto de extremas violações dos direitos humanos no Brasil, em especial, os casos de transfobia, que esse webdocumentário pretende mostrar a realidade dessas pessoas, baseado em suas próprias narrativas. Mostrando suas dificuldades, e mínimos avanços diante de uma sociedade ainda conservadora, aonde ainda é negado o casamento entre pessoas do mesmo sexo¹

1.2 Justificativa do Tema e Formato

Minha ideia inicial, era fazer um webdocumentário sobre Direitos Humanos e sua ligação com a ONU. Depois de apresentar esse tema na aula de Técnicas, no semestre 16.2, percebi, com a ajuda da professora e colegas, que seria um tema muito amplo. O que dificultaria a abordagem num vídeo de no máximo 30 minutos.

Fiquei algumas semanas pensando em como fechar mais o assunto. Sabia que queria algo social, que de alguma forma, pudesse explicar, apresentar, e/ou fazer o público entender melhor um assunto. Queria poder ajudar alguém. Queria algo relacionado aos Direitos

¹ Dados da pesquisa IBOPE 2016 – em comparação com 2010 – mostrou que 54% dos brasileiros são conservadores, sendo contra o casamento homoafetivo.

Humanos, pois sempre me interessei por essa questão, e pelo trabalho da ONU em si. Acredito que todos da sociedade, independentemente de suas características, físicas e psicológicas, devem ter a consciência de quando um direito seu foi violado. Sendo assim, pela ampliação do conhecimento, teremos uma sociedade mais educada, segura e saudável.

Meu primeiro contato com o tema, foi através de um canal no YouTube que contava a vida e transição de uma mulher transexual, a Mandy Candy, da qual minha amiga Jéssica já acompanhava há algum tempo. Pesquisei mais sobre o tema, porquê no primeiro momento, eu não sabia definir uma pessoa transgênera.

Vendo os dados de transfobia, o Brasil é apontado como o país que mais mata pessoas transgêneras – segundo o monitoramento da Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil, foram 144 mortes em 2016. Eu sabia que tinha de mostrar essa realidade para outras pessoas. Pois, eles também são pessoas, iguais a todos. Apenas querem ser eles mesmos, dentro de suas especificidades de não se sentir bem com seu corpo.

Li dados sobre a transfobia no Brasil e no mundo, artigos e relatórios da própria ONU mostrando o a importância do tema, e o porquê ele deve ser falado, discutido e explicado para o maior número de pessoas. Discutido na educação básica, para que as futuras gerações não tenham preconceitos, e dúvidas sobre seu próprio sentimento de ser mulher ou homem. E que também percebam, que não há apenas uma única forma de ser homem, ou mulher.

Escolhi o formato webdocumentário, pois acredito que assim terá mais visibilidade, levando o tema a mais pessoas. Me baseando na definição do pesquisador de cinema, Bill Nichols, de que

A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. Assim como a trama, o argumento pode ser apresentado de diferentes maneiras. (NICHOLS, 2010, pg73).

A internet é um grande meio de comunicação e informação, da qual, o número de acessos só cresce a cada dia. Pesquisas recentes mostram que a internet já ultrapassou metade dos lares do Brasil. A 15ª edição da pesquisa de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) Domicílios divulgou em 2015 que 58% dos brasileiros têm acesso e usam a internet. Desse número, são quase 50% de casas da classe C, e 16% das classes D/E. Em um país onde o salário mínimo não passa de R\$900, e um plano de internet está por volta R\$100, esses

números só reforçam o avanço desse meio de comunicação, até entre os mais pobres. Por isso, minha escolha de usar a internet para divulgação.

Assim como o trabalho de um jornalista é levar a verdade e informação para a todos àqueles que a desconhecem, vejo meu trabalho assim também. Pois, um webdocumentário poderá ser assistido por milhares de pessoas no país através da internet, além de poder ser armazenado e assistido por gerações futuras, em plataformas online como o YouTube. Também acrescenta informações essenciais para a melhoria social, principalmente num país tão desigual, onde a riqueza e conhecimento ficam nas mãos de poucos.

2. Processo de Produção

2.1 Pré-apuração

O pré-projeto deste Trabalho de Conclusão de Curso começou na disciplina de Técnicas de Projeto, ministrada pela professora Daiane Bertasso, em 2016.2. A ideia inicial era fazer um documentário sobre Direitos Humanos e sua relação com a ONU. Porém, a professora me aconselhou a fechar mais este tema, pois era muito abrangente. Pensei em deixar um ano inteiro para a realização deste trabalho, para que não me sufocasse tanto, já que eu ainda tinha que cumprir algumas matérias optativas. Me aprofundando mais no tema “Direitos Humanos”, e com ajuda de uma amiga, cheguei ao assunto transgêneros. No começo, eu mesma não entendia muito bem o que era uma pessoa trans. Nessa época, recebi um link para um vídeo de uma youtuber², Mandy Candy, que é uma mulher transexual, e conta sobre sua vida e sua transição.

Decidi que esse seria meu tema, por perceber que esse grupo social é marginalizado, e sofre muito pelo simples preconceito alheio.

Ganhei o livro “Vidas Trans”, de Amara Moira, João W. Nery, Márcia Rocha e T. Brant, que me fez aprofundar no tema, e começar a pensar qual seria meu direcionamento. Como queria algo com Direitos Humanos, procurei me focar nesse lado. Do porquê essas pessoas têm direitos básicos – como o direito à vida, direito a saúde, etc – negado de uma forma tão descarada no Brasil.

Tentei contato com a ONU Brasil, para que eles pudessem me indicar fontes, ONGs, e até talvez, falar comigo sobre o tema. E depois de alguns meses, consegui um retorno positivo para ir até lá conversar sobre. Fui para Brasília em janeiro de 2017, conhecer as responsáveis pelo Alto Comissariado dos Direitos Humanos. Infelizmente elas me informaram que não poderiam me dar entrevista, mas me ajudaram com informações e fontes. Naquela semana, estava acontecendo a Semana da Diversidade Trans no Brasil. E um programa da ONU, chamado Livre e Iguais, estava realizando uma semana de eventos promovendo o direito as pessoas trans. Me convidaram a participar, e eu fui.

Conheci muitas pessoas, militantes, trans, parentes. Alguns me deram entrevistas, outros apenas sugeriram leituras. Mas de uma forma geral, essa semana em Brasília me abriu muito os olhos. Me fez perceber que a discriminação e violência era muito mais forte do que eu poderia

² Pessoa, ou empresa, que possui um canal de vídeos no YouTube. Na maioria dos casos, isso vira uma profissão.

ter em mente. Me sensibilizei muito com a luta dessas pessoas, o que só reforçou mais minha vontade de fazer esse webdocumentário.

Peguei a matéria “Organização Internacional” no curso de Relações Internacionais da UFSC, no semestre 2017.1, para entender e estudar melhor as formas de trabalho da ONU. Com a ajuda da professora que ministra essa disciplina, conheci diversos autores e artigos acadêmicos sobre a agenda LGBT na Organização.

Pesquisei filmes e documentários sobre esse assunto, como “A Garota Dinamarquesa” e “Laerte-se!”. Assisti também a novela da Globo “A força do Querer”, por conter essa temática. Além de sempre estar acompanhando a Mandy no YouTube.

Sempre que eu lia algum texto para aula, ou via alguma reportagem na TV, ou internet, eu anotava no Drive do Google. Criei um arquivo chamado “coisas para usar no TCC”, e escrevi tudo o que eu via sobre o tema, o que me mandavam, o que eu pesquisava. Continha de textos, referencia, e músicas sobre Direitos Humanos.

2.2 Entrevistas e Fontes

Procurei entrevistar sempre pessoas trans. Porque acho que ninguém mais teria a vivência que essas pessoas têm. Seria como deixar um homem falar de aborto, não faz sentido, ele não vive isso. Por isso, apenas duas fontes, não são trans.

Minhas primeiras entrevistas aconteceram em Brasília, em janeiro de 2017. Foram um pouco sem preparo, comparado com as últimas, pois eu estava bem no começo das leituras sobre o tema. Mas como eu sabia que não tinha como ir para lá de novo, ao longo do ano, fiz o que foi possível. Estava acontecendo diversos eventos pela semana da Diversidade Trans.

Durante um dia de evento, conheci a Taya Carneiro, estudante de comunicação e presidente da União Libertária de Travestis e Mulheres Transexuais do Distrito Federal (DF). Conversamos por mais ou menos meia hora. Ela me contou sobre sua transição, família, e questões de ser atendida em hospitais – da qual afirma não haver nenhum respeito por parte dos médicos e enfermeiros. Gravei sua entrevista com minha câmera Nikon D300, um tripé e um lapela. Mas só percebi depois que estava gravando em frente a uma janela, e fazia muito sol no dia. Por essa razão tive que editar suas imagens, e usei pouco da sua fala.

No mesmo dia, entrevistei Katia Tamuri, que participa do grupo Mães Pela Diversidade. O grupo existe no Brasil todo, e procura ajudar todos os LGBT por meio de suas famílias, com reuniões semanais com parentes, fazendo “vaquinhas” para pagar cirurgias ou consultas,

participando de eventos LGBT na cidade. Sua entrevista também foi gravada com a Nikon D300, porém consegui fazer em outro lugar, para que o sol não atrapalhasse.

Fiz mais uma entrevista nesse dia, com Arthur Nogueira, e sua mãe, Valdeneia Rocha. Ela participa do Mães pela Diversidade, desde que sua filha se assumiu trans – apesar de não ter mudado de nome ainda, Arthur se redescobriu ser uma mulher transexual. Não utilizei sua entrevista, por ter sido bem breve – Valdeneia só tinha passado no evento para deixar a filha –, e por ter que fazer um webdocumentário relativamente pequeno em tempo de duração, e me focar mais no lado de Direitos Humanos, e não tanto da família.

Ainda no DF, gravei algumas imagens da cidade e da fachada da ONU, pois não podia gravar dentro do prédio.

Depois de Brasília, deixei um pouco de lado as entrevistas. Foi quando peguei a matéria da Relações Internacionais, e conheci a professora Karine de Souza Silva. Apenas marquei uma entrevista com ela para as férias de julho, quando ela estaria com mais tempo.

Porém nesse tempo fui assaltada, e levaram todo meu equipamento. Foram algumas semanas de muito desespero, e pensamentos de nem tentar fazer a matéria de Projetos Experimentais. Explicarei mais sobre esse evento no tópico 3 deste trabalho.

Por meio de uma amiga, Larissa Lannes, que tentava me ajudar a conseguir mais fontes, fui me informar de quem viria para Florianópolis na 13ª Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero. Percebi que haveria muitas bancas e rodas de conversa sobre Transexualidades. Então marquei todas as que me pareciam ser próximas ao meu tema, e fui em todas.

Durante essa semana, gravei várias rodas de conversas e mesas de debates. Com pessoas importantes como Letícia Lanz, psicanalistas e pesquisadora. Não utilizei suas falas, pois além de não conseguir uma entrevista com ela – ela estava participando de todas as mesas, e também, estava em Florianópolis para lançar seu livro –, ela fala muito baixo, e não estava com microfone, já que a encontrei durante uma mesa de apresentação de trabalhos acadêmicos. Infelizmente não consegui arrumar seus áudios, a sala continha um pequeno zunido, e a falta de tempo “livre” dela durante a semana, impossibilitou isso.

Mas durante essa mesma mesa, conheci Pamela Ângela Martins, advogada. Pedi para ela me ajudar com uma entrevista, e ela tinha a tarde toda livre naquele dia. Mais preparada que minhas primeiras entrevistas, já tinha uma lista de perguntas prontas. Acrescentei mais algumas por ela ser advogada e entender bastante de leis. Gravei a entrevista com minha nova câmera Canon T6i, dentro do laboratório de TV do departamento de Jornalista, utilizando meu lapela e

tripé de sempre. Ela me contou mais sobre as leis que estão paradas na Câmara, e que poderiam estar ajudando muitos trans que são mortos diariamente no Brasil.

Depois dessa semana de eventos na UFSC, finalmente marquei a entrevista com a professora Karine. Além de ser formada em Direito e Relações Internacionais, é titular da Cátedra Jean Monnet - outorgada oficialmente pela União Europeia - e da Cátedra Sérgio Vieira de Mello ACNUR/ONU. Como ela falava bastante sobre a ONU em si, como funciona suas tramitações internas, e pelo conselho da minha orientadora, pedi para minha amiga Gabriela Bankhardt me emprestar sua câmera – que é igual a minha – para poder gravar em dois ângulos, e não ficar tão monótono, sabendo que a fala dela seria grande. Foram mais de uma hora de gravação, ela comentou sobre a formação da ONU, da Carta de Direitos Humanos, como funciona as votações e relatórios, punições, agenda LGBT, etc.

Por indicações de amigos que fizeram o TCC sobre temas LGBT, descobri a Associação em Defesa dos Direitos Humanos (ADEH) em Florianópolis. Fui até a instituição conversar com a presidente Lirous K'yo F. Ávila, sobre os trabalhos que são realizados, os casos de violação de Direitos Humanos, como funciona as tramitações de mudança de nome e cirurgia de redesignação sexual – a famosa mudança de sexo – e dificuldades e avanços. Foram quase uma hora de entrevista, com a Canon. Alguns dias depois, voltei na ADEH para fazer algumas imagens do lugar, já que não pude ir à noite, quando acontecia a roda de conversa. Durante a entrevista, ela me disse sobre o ambulatório trans no Saco Grande, eu quis muito ir até lá fazer algumas imagens, porém além de ser um pouco burocrático conseguir gravar espaços públicos – mesmo que só a fachada –, é muito perigoso o bairro, e como já tinha sido roubada uma vez, não quis tentar a sorte.

Continuei minha busca por fontes, e tentei contato com a Laerte Coutinho e João W. Nery. Os dois me responderam bem rápido. João disse que não dava entrevistas a estudantes, e estava doente naquela semana, mas passou meu contato para seus amigos trans.

Foi aí que conheci o Luiz Fernando, jornalista que trabalha no Centro de Cidadania LGBT em São Paulo (SP). Como eu ia visitar minha família na semana seguinte em Campinas (SP), pedi para fazer uma entrevista com ele, em São Paulo mesmo. Porém ele estaria trabalhando, e depois seria feriado, e não daria tempo de fazer a entrevista. Pedi que fosse pelo Skype, e achamos que assim ficaria melhor. Pois eu só voltaria a Campinas em outubro, e seria muito perto de já ter o trabalho quase pronto. A entrevista não ficou 100% boa, no sentido som e imagem, pois além de ter um eco na gravação, ele estava pelo celular, o que deixou seu rosto

bem de perto. A sorte é que gravei o áudio pelo meu celular também. Ele me contou um pouco de seu trabalho, sua transição, leis, e seu pensamento sobre a ONU.

Enquanto isso, consegui uma resposta da Laerte. Porém ela também não me daria uma entrevista ao vivo, disse que poderia ser apenas por escrito. Aceitei de qualquer modo, pois acho a fala dela importante por ser quem ela é.

Meu último entrevistado foi um amigo de uma amiga, em Jaguariúna, cidade vizinha de Campinas, o Théo Enrico Rocha. Fui até a casa dele, conversamos sobre muitas coisas, parecíamos até amigos. Ele me mostrou seu RG, que já conseguiu assinar com seu nome social, os hormônios que ele toma, sua transição, e dificuldades que passou. Conversei também com a mãe dele, Silvana Lima, que me falou como foi descobrir o que é trans, e a aceitação. Não coloquei sua fala, pelo mesmo motivo de não ter colocado a falada da Valdeneia – de me focar em Direitos Humanos e pelo tempo.

Algumas fontes – as que eu consegui fazer a entrevista ao vivo – me deram uma autorização assinada, concedendo a entrevista. Está anexada ao item 8.2. Apenas as entrevistas em Brasília que não consegui a autorização. E da Pamela, que não tive tempo de imprimir, porém tenho conversas no Whatsapp confirmando nossa entrevista.

2.3 Roteiro

Desde o começo, antes de pensar em como conduziria as entrevistas, já quis que elas se ligassem uma na outra, construindo uma narrativa sozinha.

Escrevi um pré-roteiro entre as entrevistas em Brasília e as entrevistas em Florianópolis. Dividi as perguntas em sete tópicos fundamentais (o que é ser trans no sentido “dicionário”; ONU e a Carta de DH; o que eles acham sobre a ONU; Instituições; leis que protegem as pessoas trans; sobre a vida deles e as dificuldades; e o que é ser trans pra cada um), e depois de mostrar para minha orientadora, segui firme nas entrevistas já pensando como encaixaria cada resposta entre esses tópicos. Mas o roteiro final e fechado, só consegui após gravar todas as entrevistas. O roteiro finalizado está no item 8.1

2.4 Edição

Apesar de ter feito poucas matérias que exigiram edição de vídeo, este ano comecei um estágio aonde eu tinha que editar vídeos para o YouTube, o que me ajudou também a conhecer mais a plataforma.

Primeiro assisti todas as entrevistas novamente, separando as falas que mais me interessavam, e considerava importante para a narrativa. Depois separei todas as falas, nos sete tópicos que eu tinha planejado. Foram algumas semanas fazendo isso, pois além do TCC, eu tinha estágio, e deixei para fazer tudo isso depois de ter gravado tudo.

Durante todas as entrevistas, gravei o áudio com meu celular, e coloquei tudo numa pasta no meu notebook, no drive que eu comprei de um terabyte no One Drive, e no HD externo. Além de sempre ir salvando em todos esses lugares os projetos, relatórios e tudo ligado ao TCC.

Coloquei as partes separadas numa linha do tempo, no programa da Adobe Premiere CC 2017, e percebi que continha quase duas horas de duração. Fui cortando algumas falas e entrevistas para reduzir o tempo, e manter o foco no tema principal, de Direitos Humanos. Me sentia mal de cortar algumas falas importantes sobre a família e relações amorosas, mas me lembrava sempre de que isso não era meu tema. Consegui chegar a 45 minutos.

Após uma reunião com a orientadora, fiz a transcrição de todo o projeto. Escutando e escrevendo as falas, cortei mais 14 minutos. Mostrei novamente para a professora, e chegamos aos 28 minutos finais.

Enquanto fazia alguns cortes ainda, fui pensando no que faria para a transição dos tópicos. Minha ideia inicial era colocar as imagens de apoio que eu fiz até o momento. Mas dois fatores me fizeram mudar de ideia. O primeiro é que algumas imagens não casavam com o tópico que ela iria introduzir, e segundo que eu queria muito usar as falas da Laerte, e pensei em abrir um tópico com as falas dela. Entretanto uma amiga minha que faz Midialogia, Paula Fernandes, me aconselhou a não fazer isso, pois daria a ideia de que o vídeo estaria se baseando apenas nas falas da Laerte. Conversando com a orientadora sobre esse problema, decidimos usar uma fala de cada fonte para abrir o tópico. Com as imagens de apoio que eu tinha, usei elas entre as entrevistas para não ficar o rosto da pessoa por muito tempo.

Algumas entrevistas tive que fazer uma edição separada. Foi a da Taya, que como descrevi anteriormente, tinha uma luz muito forte vindo da janela. Utilizei os recursos do próprio Premiere, e tentei controlar o contraste e brancos.

E a entrevista com o Luiz, tive de editar também o som, por ter sido gravado no celular. Já que a gravação do próprio programa que utilizei para gravar o Skype, o Camtasia9, ficou muito ruim pelo eco que deu, e um ruído no fundo. Como não estava conseguindo editar sozinha, pedi ajuda ao servidor da Rádio Ponto, Roque Bezerra, que me ajudou e ensinou a tirar o ruído que ainda persistia mesmo na gravação com o celular.

As entrevistas com a Canon ficaram muito melhores do que com a Nikon, tanto é que não fiz nenhuma edição nas entrevistas que gravei com ela. Mas infelizmente, não foi minha escolha trocar de câmera no meio do trabalho. Não quis desperdiçar as imagens feitas com a Nikon, mesmo que não tenham ficado esteticamente bonitas, continham falas importantes.

Durante todo o processo fui pensando em nomes para o TCC, e com conversas entre os colegas de curso, cheguei a este nome. A logo eu já tinha um modelo na cabeça desde o começo. Coloquei todas minhas ideias no programa da Adobe Photoshop 2017, e fui ajeitando o que não me agradava. Utilizei o mesmo logo para dar nome aos tópicos e ser usado nos GCs. Usei as cores da bandeira trans, rosa e azul, e pensei em colocar o lugar onde a entrevista aconteceu, além do nome e o que a pessoa faz.

Pesquisei músicas na Biblioteca de Áudio do YouTube, e cheguei as duas músicas que utilizo em todo o vídeo. São músicas de download gratuito. Utilizei fade in e fade on no som, para dar continuidade com as entrevistas. A primeira música, que toca na abertura é Jupiter One, da banda Riot. A segunda música, que toca na abertura dos tópicos é Our Distane, da banda Silent Partner.

Já a abertura, mudei várias vezes, com conselhos da minha orientadora. Até chegar na versão final onde coloquei mais ou menos 3 segundos de cada entrevistado. Procurei focar bem no rosto, para que todos ficassem com o mesmo ângulo. Como estava falando sobre vidas e problemas reais, deixei o rosto das pessoas na abertura.

Com esse processo concluído, escolhi o formado H.264 para exportar, já que é o utilizado para vídeos destinados ao YouTube, que é a plataforma que este projeto ficará. Nos últimos dias, fiz uma série de testes para ver como ficaria no site, e se tudo ocorreria bem quando eu apresentasse.

3. Dificuldades

Acho que a minha maior dificuldade foi ter sido roubada no meio do ano. Apesar de só ter as entrevistas que fiz em Brasília, isso me desestruturou muito. Tinha as imagens no cartão de memória da câmera – que comprei em 2015 –, no meu notebook e no meu HD externo. Não coloquei em alguma nuvem, por ser muito pesado os vídeos, e já ter passado dos gigas que são oferecidos de graça. Além de nunca imaginar que isso aconteceria, pois morava num condomínio com portaria 24 horas.

Uma semana antes do ocorrido, comprei um novo notebook para a edição, já que meu antigo tinha desligado de vez, e não era bom para aguentar os programas da Adobe. O novo tinha chegado, e minha mãe levou o antigo para Campinas. Passei todos os vídeos, que estavam no HD, para o novo, e sai para o estágio. Quando voltei, minha porta estava aberta, e estava tudo revirado dentro do meu apartamento, só percebi que meu notebook tinha sumido e sai correndo, com medo da pessoa ainda estar lá dentro. Chamei o porteiro, que entrou no apartamento comigo, e foi quando dei falta do resto das coisas. Me levaram duas calças jeans novas, o sapato da minha amiga, meu notebook novo – que eu ainda nem tinha pago a primeira parcela –, minha câmera com as duas lentes, e meu HD externo. Tirando o notebook, todas as outras coisas estavam guardadas dentro de armários e gavetas. As duas únicas coisas que me restaram, foi o tripé e lapela que comprei em janeiro.

Enfim, eu passei uns dias morando na casa da minha amiga Gabriela, pois estava com muito medo de dormir no apartamento novamente – eu moro sozinha. Conversei muito com meus pais, e apesar de nossa situação financeira não ser a melhor, recebi ajuda de muitos parentes, que permitiram comprar um notebook novo, um HD externo, e uma nova câmera. Optei pela Canon por ler muitas boas recomendações sobre as gravações em HD, a iluminação e foco. Paguei a nuvem do OneDrive, para poder colocar todos meus vídeos e arquivos relacionados ao TCC.

Quando fui nas férias para Campinas, pedi que um amigo da família, olhasse meu notebook antigo, para ver se ainda tinha alguma coisa no HD dele. E de 140 giga que eu tinha de fotos, vídeos, trabalhos da graduação, etc, a única coisa que ele conseguiu recuperar foi a pasta onde estava todos os vídeos que fiz em Brasília. Todo o resto, que eu tinha desde os 13 anos, eu perdi.

Passados essas semanas, eu pude retomar o TCC. Minha sorte é que alguns artigos ou livros relacionados ao tema, estavam em cópia no meu drive do Google.

Depois de ter feito as entrevistas, sem nenhuma dificuldade de conseguir contato, ou de marca-la, percebi que seria bem trabalhoso a parte de cortar as falas, para diminuir o tempo. Eu tenho mais de seis horas de gravação, o que dificultou a seleção das partes importantes, pois eu considerava que todas eram. Tive que reduzir para minutos, e achei bem difícil ter de escolher entre uma fala ou outra. Não queria minimizar a importância de nenhum entrevistado pelo tempo que ele apareceria. Mas no final, eu gostei do resultado, e não acho que ficou com uma duração que será entediante para meus espectadores.

4. Aprendizado

Acho que o primeiro aprendizado foi: sempre salvar os documentos importantes em mais de três lugares. E sempre estar preparada para o pior, mesmo que você ache que ele nunca vai acontecer.

Outro ponto muito importante foi melhorar minhas habilidades de edição, conhecendo mais recursos do Premiere. Aprender a não me apegar com a fala das fontes, e a cortar coisas que poderiam desviar o foco do vídeo.

Redescobrir meu amor pelo jornalismo, por ouvir e contar histórias, principalmente das pessoas que mais precisam ter sua voz ampliada. Sempre gostei muito da parte social que o jornalista realiza, e procurei me focar nisso durante toda a graduação, seja em vídeo, foto ou escrita. Poder multiplicar falas como estas que estão nesse trabalho de conclusão de curso, me faz ter a certeza que escolhi a profissão certa.

5. Recursos

No começo do ano, comprei um tripé e um lapela, já que possuía uma câmera, além da passagem para Brasília. Isso era meu orçamento no início. Porém como fui roubada e tive que comprar tudo de novo – mesmo com ajuda financeira de terceiros – meu orçamento subiu 91%. O novo cartão de memória estava incluído no preço da câmera.

Segue tabela com o detalhamento da viagem e equipamentos.

| Produto | Valor |
|-------------------|---------------|
| Tripé | R\$ 250,00 |
| Lapela | R\$ 35,00 |
| Viagem à Brasília | R\$ 550,00 |
| Canon T6i | R\$ 3000,00 |
| HD externo | R\$ 300,00 |
| Notebook novo | R\$ 4000,00 |
| One Drive | R\$ 24,00/mês |

6. Conclusão

Primeiro vale ressaltar que esse trabalho de conclusão de curso foi a junção de todo o aprendizado que tive durante os quatro anos e meio dentro do curso de Jornalismo. Foi também um dos mais complexos trabalhos que já produzi, e um dos que mais me deu orgulho de fazê-lo.

Tenho a intenção de mostrar esse material ao público, já que considero seu conhecimento de extrema importância para toda a sociedade. Dessa forma, penso que ele poderia ser amplamente divulgado. Poder mostrar a realidade das pessoas transexuais no Brasil, mesmo com leis e normativas internacionais, ainda têm o direito à vida violado. E que esse trabalho possa ser de muita ajuda para outras pessoas, que buscam se entender, que buscam entender o próximo. Pois para mim é inconcebível o preconceito, de maneira geral.

7. Referências Bibliográficas

AQUINO, Tathiane Araújo; CABRAL, Euclides Afonso; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfin. **Dossiê: A Geografia dos Corpos das Pessoas Trans**. Rede Trans Brasil. 2017.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Companhia de Bolso. São Paulo, 2012.

BENTO, Berenice. **O que é Transexualidade**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BEZERRA, Waldez Cavalcante; SILVA, Rodrigo Gonçalves Lima Borges da; QUEIROZ, Sandra Bomfim de. **Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais**. Terapia Ocupacional. São Paulo, v. 26, n. 3, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/88052>>. Acesso em: 17 ago.2017.

COMPARATO, F. B. **Afirmção histórica dos direitos humanos**. São Paulo: Saraiva, 1999.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. Brasília, 1998. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 20 set.2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. Ed. Brasília, 2012.

JUMÉNEZ, Cristhian; RODRIGUES, Guilberto. Naciones Unidas; **Posicionamiento y Debate Sobre La Orientación Sexual e Identidad de Género**. Revista Direitos Humanos e Democracia, V.5, N. 9, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/direitoshumanosedemocracia/article/view/6423>>. Acesso em: 18 jun.2017.

MOIRA, Amara; et al. **Vidas Trans: A coragem de existir**. Bauru: Astral Cultural, 2017

NADER, Lucia. **O papel das ONGs no Conselho de Direitos Humanos da ONU**. Revista Internacional dos Direitos Humanos. N 07. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-64452007000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 out.2016.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 5.Ed. Campinas: Papirus, 2010. Disponível em <<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2016/08/nichols-b-introduc3a7c3a3o-ao-documentc3a1rio.pdf>> Acessado em 20 mar.2017.

POCACHY, Fernando (Org.) **Rompendo o Silêncio: Homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Nuances, 2007. Disponível em <https://professorsauloalmeida.files.wordpress.com/2014/07/livro_rompa_o_silencio.pdf> Acesso em 05 out. 2017.

RAMOS, André de Carvalho. **Curso de Direitos Humanos**. São Paulo: Saraiva, 2014.

TIC Domicílios. São Paulo, 2015. Disponível em <<http://cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores>> Acesso em 07 nov. 2016.

TRINDADE, J.D. de L. **História Social dos direitos humanos**. São Paulo: Fundação Petrópolis, 2002.

VELASQUEZ, Miguel Granato. **Direitos Humanos de crianças e adolescentes**. Ministério Público do Rio Grande do Sul, Brasil, 2016. Disponível em <<https://www.mprs.mp.br/infancia/doutrina/id455.htm>> Acesso em 03 out. 2016.

7.1 Filmologia

A Garota Dinamarquesa. EBERSHOFF, David; HOOPER, Tom. Estados Unidos. Focus Features. Filme, 2015.

Laerte-se! BRUM, Eliane; SILVA, Lygia Barbosa da. Brasil. Netflix. 2017. Arquivo digital, 100 min. Documentário.

8. Anexos

8.1 Roteiro

| VÍDEO | ÁUDIO |
|--|---|
| <p>ABERTURA</p> <p>FADE IN</p> <p>GC – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA</p> <p>FADE OUT</p> <p>FADE IN</p> <p>IMAGENS DOS ENTREVISTADOS</p> <p>FADE OUT</p> <p>FADE IN</p> <p>LOGO TRANSIÇÃO</p> <p>FADE OUT</p> | <p>ABERTURA</p> <p>RODA TRILHA – JUPITER ONE.MP3</p> |
| <p>FADE IN</p> <p>O QUE É SER TRANS?</p> <p>TÓPICO 1</p> <p>FADE OUT</p> | <p>DESDE TRILHA SONORA</p> |
| <p>LIRIOUS</p> <p>FADE IN GC</p> <p>FADE OUT GC</p> | <p>AS PESSOAS ELAS CONFUNDEM UM POUCO O QUE É TRAVESTI, TRANSEXUAIS, E GAYS, LESBICAS. PORQUE, PORQUE DENTRO DA SIGLA LGBT, EXISTE UMA CATEGORIA DE GÊNERO QUE É A T, QUE ENGLOBA TRAVESTI, TRANSEXUAIS, TRANSGÊNEROS, NÃO BINÁRIOS, ENFIM... É UM T QUE É TTTTTTT. E A IDEIA FOI PORQUE NA ÉPOCA, AS PESSOAS TRANS ELAS SE IDENTIFICAVAM COMO GAYS, E ELAS NÃO ENTENDIAM QUE HAVIA UMA DIFERENÇA ENTRE SER UMA IDENTIDADE DE GÊNERO OU NÃO. ENTÃO NO INÍCIO DO MOVIMENTO, TODOS SE JUNTARAM, E COMEÇARAM UMA LUTA EM CONJUNTO, ATÉ PORQUE A VIOLÊNCIA E O PRECONCEITO ERA O MESMO. MESMO ENTRE PARTES, PORQUE POR EXEMPLO, UM GAY BRANCO SOFRE BEM MENOS PRECONCEITO DO QUE UMA TRAVESTI NEGRA DA PERIFERIA. ISSO É UM FATO.</p> |

| | |
|---|---|
| <p>PAMELA</p> <p>FADE IN GC</p> <p>FADE OUT GC</p> <p>LUIZ FERNANDO</p> <p>FADE IN GC</p> <p>FADE OUT GC</p> <p>LIROUS</p> <p>THÉO</p> <p>FADE IN GC</p> <p>FADE OUT GC</p> | <p>O QUE É SER TRANS? SER TRANS É VOCÊ ESTAR ALÉM DAS NORMAS SOCIAIS QUE SÃO ENRAIZADAS NOS PARÂMETROS CULTURAIS DE CADA SOCIEDADE DE SEXO E GÊNERO. É VOCÊ NÃO, TER AQUELA LINHA LÓGICA DE SEXO E GÊNERO, DEFINIDO, E VOCÊ BUSCAR FORMAS DE VC EXTERIORIZAR FORMAS DE QUEM VC É PARA O MUNDO</p> <p>O QUE É SER TRANS? VAMOS LA, O QUE QUE É TRANSITAR? MUDAR, IR ALÉM. TRANS, PREFIXO LATINO, TRANSEXUAL. IR ALÉM DO SEXO. O QUE É ESSE SEXO? BIOLÓGICO. EU FUI ALÉM DO QUE A BIOLOGIA TINHA PARA ME OFERECER. PORQUE EU NÃO SOU SÓ UM SER COMPOSTO DE MOLÉCULAS, ÁTOMOS E TODO O ARCAÍOLSO BIOLÓGICO. EU SOU UM SER PENSAnte, E DENTRO DESSE PENSAMENTO, DENTRO DESSE SENTIMENTO, EU NÃO ME VISUALIZAVA COMO UMA MULHER QUE NASCEU, OU SEJA, QUE NASCEU MULHER NO SENTIDO BIOLÓGICO, NO SENTIDO ORGÂNICO. ENTÃO UMA MULHER CIS GÊNERO. EU NÃO ME VIA DESSA FORMA, E POR ISSO EU SOU UM HOMEM TRANS. UM HOMEM QUE SE PERCEBEU E SE PERCEBE HOMEM, MAS NASCEU DENTRO DE UM ESPECTRO FEMININO.</p> <p>UMA PESSOA TRANS É QUALQUER PESSOA QUE NÃO SE IDENTIFIQUE COM O GÊNERO QUE FOI IMPOSTO ANTES DO SEU NASCIMENTO</p> <p>AS PESSOAS DIZEM QUE TRANS É A PESSOA QUE NASCE, QUE É DESIGNADA NO SEXO QUANDO NASCE, MAS SE IDENTIFICA COM O OUTRO SEXO. GÊNERO, SEXO NÃO SE USA MAIS</p> |
| <p>FADE IN</p> <p>ONU</p> <p>TÓPICO DOIS</p> <p>FADE OUT</p> | <p>SOBRE TRILHA SONORA</p> <p>OUR DISTANCE.MP3</p> <p>DESCE TRILHA</p> |
| <p>KARINE - PRIMEIRO ÂNGULO</p> <p>FADE IN GC</p> | <p>A ONU NASCE NESSE MESMO CONTEXTO DA PRÓPRIA DECLARAÇÃO DOS DH. ENTÃO A ONU NASCE EM 45, ENTRA EM VIGOR EM 46 E A CARTA DE BH, É DE 1948.</p> |

| | |
|--------------------------|---|
| FADE OUT GC | QUE ESSES DIREITOS HUMANOS DEVERIAM SER ALGO A SER CUIDADO POR UMA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL, E NÃO MAIS PELOS ESTADOS. |
| KARINE - SEGUNDO ÂNGULO | <p>ERA SOMENTE UMA APRESENTAÇÃO, DOS PRINCÍPIOS E UM COMPROMISSO QUE OS ESTADOS ASSUMIRAM ALI DE PROTEGER TODOS OS DIREITOS. SÃO OS DIREITOS CIVIS, OS DIREITOS POLÍTICOS, ECONÔMICOS SOCIAIS E CULTURAIS, CHAMADOS DSC.</p> <p>O DIREITO A VIDA TA MUITO VOLTANDO A ESSE TEMA TRANS, PORQUE ESSA AGENDA LGBT É UMA AGENDA QUE REIVINDICA MUITO O DIREITO A VIDA PORQUE EM VÁRIOS LUGARES DO MUNDO, AS PESSOAS LGBT SÃO CONDENADAS A MORTE, POR CONTA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL.</p> |
| KARINE - PRIMEIRO ÂNGULO | <p>TEM ALGUNS ESTADOS QUE SÃO ESTADOS INFRATORES DE DH E OCUPAM ASSENTOS NESSAS COMISSÕES, OU NO CONSELHO DE DH, TIPO A ARÁBIA SAUDITA. ENTÃO ELES SÃO ELEITOS, E FAZEM QUESTÃO DE ESTAR ALI, PORQUE POR UM LADO HÁ UMA IMAGEM QUE ELES ESTÃO DENTRO DESSAS COOPERAÇÕES, PARTICIPAM, ETC. MAS POR OUTRO LADO A PARTICIPAÇÃO DELES ALI É PRA GARANTIR QUE A AGENDA SEJA MODULADA A CONVENIÊNCIA DELES.</p> |
| KARINE - SEGUNDO ÂNGULO | <p>MAS ASSIM, O IMPORTANTE É O PRÓPRIO MONITORAMENTO QUE A ONU FAZ, COM RELAÇÃO A DETERMINADOS ESTADOS, ENTÃO APESAR DE NÃO TER ESSA FORÇA PUNITIVA, MAS O FATO DE O ESTADO SER CHAMADO, E TER DE ENVIAR RELATÓRIOS, O ESTADO TER QUE RESTAR CONTAS NO SISTEMA INTERNACIONAL, ISSO É ALGUM AVANÇO.</p> |
| KARINE - PRIMEIRO ÂNGULO | <p>MAS A ONU TEM UMA AGENDA MUITO PLURAL COM RELAÇÃO A DH, ENTÃO HÁ MUITAS CAMPANHAS QUE ESTÃO SENDO ELABORADAS, ESTÃO SENDO FORMULADAS, IMPLEMENTADAS, NO ÂMBITO DAS ONU SOBRE VÁRIOS QUE SÃO OS DIREITOS DOS COLETIVOS LGBT</p> <p>ENTÃO EU NÃO CONSEGUIRIA IMAGINAR, APESAR DOS PROBLEMAS QUE A ONU TRAZ, APESAR DE SER INEFICIENTE EM ALGUNS TEMAS, MAS EU NÃO CONSIGO IMAGINAR O MUNDO SEM UMA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL, SEM A ONU.</p> |

| | |
|-------------------------------------|---|
| FADE IN CONTRADIÇÕES TÓPICO 3 | SOBRE TRILHA SONORA OUR DISTANCE.MP3 |
| FADE OUT | DESCE TRILHA |
| LUIZ | <p>O QUE ADIANTA EXISTIU UMA ONU, ONDE A MAIOR PARTE DESSAS CADEIRAS CONSTITUI PAÍSES, QUE É O FAMOSO GRUPO G7, QUE DITA AS REGRAS E NORMAS DO QUE DEVE SER FEITO DENTRO DE UMA ORG. DE NAÇÕES UNIDAS QUE TEM A PREMISSA DE DEFENDER DH. DH QUE SELECIONAM O QUE É HUMANO, O QUE NÃO É HUMANO, DE ACORDO COM A RENDA PER CAPITA EXISTENTE EM CASA PAÍS, ISSO É DH? DE OS OUTROS PAÍSES SÓ TEREM VOZ E VEZ QUANDO CONSEGUIREM ALGUMA ESTRATÉGIA POLÍTICA PRA ISSO? É MEIO ESTRANHO.</p> <p>AS PESSOAS VÊM COM ESSE DISCURSO DE "TODOS SOMOS IGUAIS", É O DISCURSO MAIS HIPÓCRITA QUE EU JÁ VI NA MINHA VIDA. EU NÃO QUERO SER IGUAL A VC, E NEM VC QUER SER IGUAL A MIM. O QUE NÓS QUEREMOS É TER NOSSOS DIREITOS ASSEGURADOS DENTRO DAS NOSSAS ESPECIFICIDADES. E É ISSO QUE AS PESSOAS NÃO CONSEGUEM ENTENDER.</p> |
| PAMELA | <p>RARAMENTE A QUESTÃO DA ONU EM SI, NO PODER JUDICIÁRIO E NA ATIVIDADE DA ADVOCACIA, ELA É UTILIZADA. MAS ENQUANTO QUESTÃO DE MOVIMENTO SOCIAL, DE DEMANDAS, DE RECONHECIMENTO SOCIAL, ESSE TRABALHO QUE A ONU FAZ, ELE SE MOSTRA IMPRESCINDÍVEL, PORQUE ELE QUEBRA PRECONCEITOS, QUEBRA PRE CONCEITOS ELE GARANTE QUE AS PESSOAS ENTENDAM QUE A MUITO MAIS COISAS ENTRE O CÉU E A TERRA QUE NOSSA VÃ MENTALIDADE MORTAL PODE ENTENDER. E A CAPACIDADE DISSO, QUEBRA A IGNORÂNCIA, ENTÃO NÓS ESTAMOS ABERTOS A CONHECER O DIFERENTE.</p> <p>PRINCIPALMENTE PORQUE A MAIOR PARTE DAS QUESTÕES DA ONU, QUANDO NÃO SÃO FEITAS ATRAVÉS DE UM TRATADO INTERNACIONAL, NÃO HÁ A OBRIGATORIEDADE DE UM PAÍS SEGUIR, E NOSSO PAÍS TEM UM HISTÓRICO DE IGNORAR ESSAS DEMANDAS DA ONU</p> |
| FADE IN | SOBRE TRILHA SONORA |

| | |
|--|---|
| INSTITUIÇÕES TÓPICO 4 | OUR DISTANCE.MP3 |
| FADE OUT | DESCE TRILHA |
| LIROUS FADE IN IMAGENS DA ADEH FADE OUT FADE IN IMAGENS DA ADEH FADE OUT FADE IN IMAGENS DA ADEH FADE OUT | <p>A ADEH SURGE EM 1993, NO BUM DO HIV, DST E ADIS. ENTÃO O QUE ACONTECEU, AS PRIMEIRAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS QUE FORAM FUNDADORAS DA ADEH IAM ATÉ O CORETO DA PRAÇA VX, E REUNIÃO PRESERVATIVOS ALI E IAM ATÉ O PONTO ENTREGAR. ESSE FOI O PRIMEIRO GRANDE TRABALHO DA INSTITUIÇÃO.</p> <p>A PARTE TRISTE DA HISTÓRIA É QUE A POLÍCIA MILITAR NÃO ENTENDIA ISSO COMO UM SERVIÇO SE SAÚDE, ENTÃO A PRÓPRIA POLÍCIA VEIO ASSASSINAR A PRESIDENTE DA ADEH.</p> <p>ENTÃO A INSTITUIÇÃO ELA PASSOU UM TEMPO DESATIVADA E DEPOIS ELA VEM COM FORÇA TOTAL, QUE DAI ELA SE ESTABILIZA NUM ESPAÇO FÍSICO, COMEÇA A TRABALHAR COM FOCO VOLTADO A SAÚDE PLEITEANDO PROJETOS.</p> <p>A ADEH NA VERDADE É UMA INSTITUIÇÃO DE DH QUE ELA ACOLHE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA. ENTÃO O NOSSO GRANDE FOCO SÃO PESSOAS LGBT. E TAMBÉM A GENTE ACOLHE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA.</p> <p>A GENTE ATENDE EM TORNO DE 70 CASOS POR MÊS, O QUE É UM NÚMERO MUITO GRANDE, E DISSO VÁRIA MUITO, DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA A PESSOAS QUE QUEREM UM ACOLHIMENTO, QUE QUEREM SE COMPREENDER QUANTO IDENTIDADE, SEXUALIDADE, QUE VEM AQUI SÓ PRA BUSCAR INFORMAÇÃO, ENTÃO A GENTE TEM VÁRIOS SERVIÇOS QUE GIRAM EM TORNO DISSO.</p> <p>O PROJETO DE ECONOMIA SOLIDARIA, A GENTE ESTÁ FABRICANDO UM MONTE DE PRODUTOS AQUI NA INSTITUIÇÃO, CANECA, BOTOM, CAMISETA, BANDEIRAS, ALMOFADAS LGBT. E A IDEIA É NÃO SO PODER CONSEGUIR FINANCIAMENTO. OU MELHOR, FUNDOS PRA INSTITUIÇÃO, PRA GENTE CONTINUAR DANDO, CONTINUIDADE AOS TRABALHOS, MAS COMO PODER EMPREGAR A POPULAÇÃO LGBT EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL, E MULHERES TRAVESTI E PESSOAS TRANS.</p> |

| | |
|--------|--|
| KARINE | <p>COM RELAÇÃO A AGENDA LGBTI É IMPORTANTE OBSERVAR, TAMBÉM HÁ UMA MILITÂNCIA DO PRÓPRIO ITAMARATI. MAS É IMPORTANTE OBSERVAR NESSE SENTIDO, QUE NO PLANO INTERNACIONAL, NÃO SÓ O BRASIL, MAS OS OUTROS ESTADOS DO MUNDO, ELES CONSEGUEM NEGOCIAR, ELES CONSEGUEM FICAR NO CAMPO DA FORMULAÇÃO DAS NORMAS, SO QUE NO ÂMBITO INTERNO, AINDA HÁ MUITA DIFICULDADE DE IMPLEMENTAÇÃO PORQUE A NOSSA SOCIEDADE, É MUITO MACHISTA, HETERO PATRIARCAL. ENTÃO INTERNAMENTE HÁ MUITOS CONFRONTOS COM.....SE VOCÊ FOR OBSERVAR AS BANCADAS RELIGIOSAS NO SEIO DO CONGRESSO NACIONAL POR EXEMPLO, DAS ASSEMBLEIAS LEGISLATIVAS.... E MESMO ASSIM, COMO VOCÊ PODE OBSERVAR O PRÓPRIO JUDICIÁRIO MUITAS VEZES TEM GARANTIDO ALGUNS DOS DIREITOS QUANDO NÃO EXISTIAM NORMAS. ENTÃO ESSE É UM PROCESSO DE LUTA, E A LUTA NÃO TERMINA.</p> |
| PAMELA | <p>HÁ ESPAÇOS DE MUDANÇAS POSITIVAS DOS DH TRANS. ENQUANTO ALGUNS MAGISTRADOS AQUI NO BRASIL JÁ ESTÃO RECONHECENDO E APLICANDO A LEI MARIA DA PENHA, LEI DE FEMINICÍDIO PARA MULHERES TRANS, HÁ TAMBÉM UMA QUESTÃO DA ALTERAÇÃO REGISTRAL, QUE EU TENHO UMA DAS PRINCIPAIS, SE NÃO A PRINCIPAL DEMANDA DO MOVIMENTO TRANS PARA A RETIFICAÇÃO REGISTRAL.</p> <p>SE EU NÃO ME ENGANO A PEC 115 QUE É PARA A INCLUSÃO NO HALL DO ARTIGO QUINTO CAPUT, A IDENTIDADE DE GÊNERO COMO UM DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS DA NOSSA REPUBLICA.</p> |
| LIROUS | <p>SEMPRE QUANDO É APROVADO UMA LEI, ELA É MUITO RECORTADA, É MUITO VETADA, VOU DAR UM EXEMPLO DA LEI DE IDENTIDADE DE GÊNERO E DE NOME SOCIAL QUE FOI FEITA AQUI EM FLORIANÓPOLIS. O PREFEITO APROVOU, MAS VETOU UM MONTE DE COISA...TIPO, OU SEJA, SÃO LEIS QUE NÃO FAZEM SENTIDO NENHUM. NÃO ADIANTA TER UMA LEI QUE COMBATE A HOMOFOBIA, SE NÃO TEM UMA PENALIDADE. ATÉ PORQUE AS PESSOAS TAMBÉM DESCONHECEM PORTARIA DO SUS, É DESRESPEITADA ATÉ HOJE....O QUE</p> |

| | |
|---------------|---|
| | <p>DIRÁ DE UMA LEI QUE É MUNICIPAL EM QUE AS PESSOAS NÃO SABEM QUE ELAS EXISTEM. A LEI JOÃO NERY ELA VEM PRA FACILITAR ESSA QUESTÃO DO NOME SOCIAL. A PESSOA, ELA SIMPLEMENTE, ELA VAI PODER IR NO SEU CARTÓRIO E TROCAR O NOME.</p> |
| LUIZ FERNANDO | <p>O IDEAL SERIA A LEI DE IDENTIDADE DE GÊNERO SER APROVADA, MAS DIANTE DE UM CONGRESSO TOTALMENTE HOSTIL A QUALQUER MUDANÇA DE QUALQUER MANIFESTAÇÃO DE UM GRUPO CONSIDERADO MINORIA E QUE VÁ CONTRA OS INTERESSES DELES, ELES NÃO VÃO APROVAR ISSO. O IDEAL SERIA A APROVAÇÃO DE IDENTIDADE DE GÊNERO NÃO SÓ PELA QUESTÃO DO NOME, QUE É UMA QUESTÃO IMPORTANTÍSSIMA, DAS DESBURACRATIZAÇÃO DE VOCÊ CONSEGUIR SEU NOME, RETIFICAÇÃO DO NOME E GÊNERO NOS DOCUMENTOS.</p> |
| LIROUS | <p>QUANDO UMA PESSOA ELA QUER FAZER A SUA RETIFICAÇÃO DE NOME QUER MUDAR TOTALMENTE NA DOCUMENTAÇÃO, ALÉM DE TER QUE LEVANTAR MUITO DOCUMENTO, ELA FICA A MERCÊ DE PESSOAS. MAS PESSOAS QUE TEM O PODER COMO SE FOSSEM DEUS.</p> <p>EU TENHO ALGUMAS RESSALVAS QUANTO AO NOME SOCIAL, PORQUE O NOME SOCIAL É UMA FORMA PALIATIVA ENQUANTO VC NÃO TEM UMA DETERMINAÇÃO DO ESTADO QUE VC ODE SER CHAMADO DE DETERMINADO NOME NOS SEUS DOCUMENTOS. O QUE QUE EU DISCORDO DISSO...PRIMEIRO EU ACHO QUE O ESTADO NÃO TEM QUE REGULAR O NOME DAS PESSOAS PRA MIM É UMA FALTA MUITO GRANDE, ISSO NÃO É PROBLEMA DO ESTADO. SEGUNDO QUE EU ACHO QUE A NOSSA LEI É MUITO LENTA, ENTÃO, POR EXEMPLO, ELA SEGREGA MUITAS PESSOAS QUE PODERIA ESTAR TRABALHANDO, PORQUE A GENTE OUVI MUITAS DAS DESCULPAS DAS EMPRESAS É DIZER "AH EU NÃO CONTRATO PESSOA TRANS, PORQUE NO NOME É UMA MAS QUANDO EU OLHO PRA PESSOA É OUTRA. ENQUANTO A PESSOA NÃO TIVER O NOME RETIFICADO NÃO DA PRA CONTRATAR".</p> |

| | |
|---------------|--|
| LUIZ FERNANDO | <p>NOME SOCIAL VOCÊ TEM QUE ENTRAR COM UMA PORTARIA, COM UM DECRETO, COM UMA COISA QUE JÁ ESTA ASSEGURADA NO ARTIGO QUINTO DA CONSTITUIÇÃO, DE QUE TODOS SOMOS IGUAIS, TODOS TEM LÁ SEUS DIREITOS. PORRA MEU, PORQUE É TÃO DIFÍCIL CHAMAR A PESSOA POR UM NOME? SE A APARÊNCIA DELA É DISCREPANTE COM O QUE ELA TA DIZENDO, É SÓ AGENDE MUDAR ESSA IDEIA DO QUE SEJA SER HOMEM E SER MULHER. SE FOSSEM FEITAS SENSIBILIZAÇÕES, SE OS PLANOS MUNICIPAIS, ESTADUAIS, E O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ABARCASSE AS TEMÁTICAS DE DIVERSIDADE SEXUAL E GÊNERO, NÓS NÃO ESTARÍAMOS NESSE LODAÇAL, NESSE ULTRACONSERVADORISMO, AI DIANTE DESSAS INSTANCIAS.</p> <p>AVANÇOS? TIVEMOS. ESSA QUESTÃO DO NOME SOCIAL SER PAUTA NUMA IMPRENSA, MESMO QUE DE FORMA EQUIVOCADA, MAS TA TRAZENDO O TEMA.</p> |
| PAMELA | <p>POR UM LADO, ELE É UM AVANÇO, PORQUE ELE JÁ DEMONSTRA UMA TENTATIVA DE TENTAR SE RECONHECER AS DIFERENTES MANIFESTAÇÕES DAS IDENTIDADES HUMANAS. ENTRETANTO, MUITAS VEZES, COMO ELE NÃO É UMA ALTERAÇÃO REGISTRAL, ELE É ALGO QUE FUNCIONA APENAS EM DETERMINADOS ESPAÇOS, E TEM SUA EFICÁCIA LIMITADA, ISSO ACABA POR COMPROMETER SUA EFETIVIDADE, PORQUE FORA DAQUELES ESPAÇOS, NÃO HÁ ESSA SEGURANÇA DO USO DO NOME SOCIAL.</p> |
| THÉO | <p>É MUITO BUROCRÁTICO PRA MUDAR O NOME, MUITO DEMORADO. E É RIDÍCULO, PORQUE É UMA COISA TÃO SIMPLES, É UM NOME. POXA SE EU SOU UM HOMEM, EU TENHO O DIREITO DE TER O MEU NOME. POR QUE QUE AS PESSOAS VÃO ME TRATAR COM UM NOME FEMININO SE EU SOU UM HOMEM? É PRECÁRIO, AINDA ESTÁ PRECÁRIO, E ACREDITO QUE VAI DEMORAR MUITO PRA MUDAR.</p> <p>EU NÃO VEJO MEU NOME COMO UM NOME SOCIAL, É O MEU NOME. POR EXEMPLO, ESCOLA, ESSAS COISAS, EU BATO O PÉ</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>EU RESOLVI NO PRIMEIRO DIA, IR LÁ, PRA PRESTIGIAR, VER O TRABALHO...DE REPENTE, UMA MENINA TRANS APARECEU COM OS PÉS ENFAIXADOS. EU IRONICAMENTE, QUERO DIZER, ERRONEAMENTE, ACREDITAVA QUE A POPULAÇÃO TRANS IRIA LÁ PARA FAZER HORMÔNIO TERAPIA. DAI EU OLHEI, ACHEI AQUILO ESTRANHO, E FUI PERGUNTAR PRA ELA O QUE TINHA ACONTECIDO... E ELA "NÃO, É QUE EU ESTAVA COM A UNHA ENCRAVADA HÁ 2 ANOS...E NENHUM MÉDICO QUERIA FAZER O PROCEDIMENTO". E ELA SÓ TINHA CONSEGUIDO</p> |
| THÉO | <p>EU NUNCA TIVE NENHUM EFEITO COLATERAL. EU MESMO APLICO, MAS EU FAÇO ACOMPANHAMENTO. APLICO DE 15 EM 15 DIAS, BEM CERTINHO PRA NÃO TER NENHUM PROBLEMA COM O FÍGADO.</p> <p>NA PRÓXIMA CONSULTA PEDIRAM EXAMES, EU FIZ OS EXAMES, PORQUE NÃO É ASSIM PEGAR UM HORMÔNIO E COMEÇAR A APLICAR, TEM TODO UNS EXAMES QUE VOCÊ PRECISA FAZER PRA SABER SE SEU CORPO VAI ACEITAR OU NÃO, OU SE TEM ALGUMA COISA PRA VOCÊ RESOLVER ANTES DE COMEÇAR A APLICAR. E DEU TUDO CERTO, E EU COMECEI A TOMAR.</p> |
| LIROUS FADE IN IMAGENS DA ADEH FADE OUT | <p>EU FUI UMA DAS PESSOAS QUE FUI MUITO NEGLIGENCIADA. DE INCLUSIVE DE QUERER DESISTIR DE FAZER TRATAMENTO, E TRATAMENTO GRAVÍSSIMO, POR USO INDISCRIMINADO, QUE É UM OUTRO PROBLEMA TAMBÉM. QUANDO EU COMECEI A TRANSIÇÃO, NÃO SE FALAVA DE HORMÔNIO TERAPIA EM HOSPITAIS, EM UNIDADE BÁSICA. E DAI O QUE ACONTECEU, A GENTE FAZIA TIPO RECEITA DE VÓ, AH SE ELA TOMA ASSIM, A GENTE VAI TOMAR IGUAL, E DAI PASSAVA. SÓ QUE ACONTECEU QUE EU TOMAVA UM SUPER DOSAGEM, EU E MAIS DUAS AMIGAS. E PRA CONCLUIR, EU TIVE UM PROBLEMA GRAVÍSSIMO DE SAÚDE, POR CAUSA DA SUPER DOSAGEM, EU E MAIS MINHAS DUAS AMIGAS.</p> |
| LUIZ FERNANDO | <p>É VOCÊ TER QUE DEPENDER DA BOA VONTADE DA MEDICINA PRA UM MÉDICO TE TRATAR COMO SER HUMANO.</p> |

| | |
|---------------|---|
| THÉO | <p>HOJE NÃO, HOJE TA LÁ RG TUDO, VOCÊ É TRATADO COMO GENTE, SENDO QUE DESDE DE O COMEÇO VOCÊ DEVERIA SER TRATADO COMO GENTE.</p> <p>HOJE EU CONQUISTEI CERTAS COISAS, MAS PARA CONQUISTAR CERTAS COISAS EU DEMOREI MAIS DO QUE A MAIORIA DAS PESSOAS. A PESSOA TEM QUE SER ATENDIDA E PRONTO É UM DIREITO UNIVERSAL. ME ATENDA COM DIGNIDADE E TA TUDO CERTO.</p> <p>POR TODO ESSE TEMPO QUE EU NÃO ME ENCAIXAVA EM MIM MESMO, EU PERDI BASTANTE TEMPO NÃO FAZENDO AS COISAS QUE EU DEVERIA TER FEITO, POR EXEMPLO, EU NÃO TERMINEI O ENSINO MÉDIO, ESTAGNEI NO TEMPO. E AGORA TO RETOMANDO AS RÉDEAS DA MINHA VIDA. TO FAZENDO SUPLETIVO</p> |
| LUIZ FERNANDO | <p>EU RETIFIQUEI MEU NOME DEPOIS DE DOIS ANOS, ENQUANTO ISSO EU TIVE QUE FICAR DESEMPREGADO, AGORA QUE EU TO RECUPERANDO MINHAS COISAS, EU TO PATINANDO, COMEÇANDO DE NOVO. EU PERDI DOIS ANOS DA MINHA VIDA OU MAIS, SÓ PORQUE EU QUERIA UM RESPEITO. NENHUMA PESSOA CIS VIVE ISSO, TER QUE RECOMEÇAR SUA VIDA DO ZERO, TER QUE ESCREVER TUDO DE NOVO.</p> |
| THÉO | <p>FALTA MUITA INFORMAÇÃO. AS PESSOAS NÃO SABEM, ESTÃO VENDENDO NA NOVELA, É A ÚNICA INFORMAÇÃO QUE ELAS TÊM. AS VEZES ACONTECE, QUANDO EU PRECISO IR NUM LUGAR QUE PRECISA DE DOCUMENTO, AS PESSOAS FICAM MEIO CONFUSAS, MAS EU PROCURO SEMPRE EXPLICAR, DE FORMA CALMA.</p> |
| PAMELA | <p>A MAIORIA DOS CASOS, A TRANSFOBIA, ELA ESTÁ TÃO ENRAIZADA NA NOSSA SOCIEDADE, QUE ESSA VIOLÊNCIA ELA É TIDA COMO VIOLÊNCIA LEGÍTIMA PELAS PESSOAS, CONTRA NOSSA DIFERENÇA. ONDE FICA INVISIBILIZADA ESSES CASOS DE VIOLÊNCIA ATÉ QUE SE TOME UMA PROPORÇÃO ÉPICA,</p> |

| | |
|---|--|
| <p>TAYA FADE IN GC FADE OUY</p> | <p>COMO O QUE ACONTECEU COM A DANDARA, BIANCA DUARTE, COM DIVERSAS OUTRAS.</p> <p>NÃO DEVERIA EXISTIR AQUELA PESSOA, ENTÃO SE ELA TA EXISTINDO ELA JÁ ESTÁ ERRADA. POR ISSO QUE VOCÊ VÊ TANTAS PESSOAS TRANS MORRENDO EM LUGARES PÚBLICOS, E AS PESSOAS NÃO FAZEM NADA.</p> |
| <p>PAMELA</p> | <p>E NESSE PONTO NÓS VEMOS ESSE PARADOXO SOCIAL, DE QUE POR UM LADO EU SOU OBJETIFICADA SEXUALMENTE, TEM TODA AQUELA IDEIA DA TRANS DA TRAVESTI QUE VAI LA, BATE PONTO, FAZ FILME PORNÔ, MAS AO MESMO TEMPO, FORA DAQUELE ESPAÇO, SE EU QUERO TER UMA VIDA ORDINÁRIA, COMUM, EU NÃO POSSO, PORQUE DAI MEUS DIREITOS ENTRAM EM CONFLITO COM A MÁSCARA QUE A SOCIEDADE TEM DE NORMALIDADE.</p> |
| <p>THÉO</p> | <p>E SINCERAMENTE, EU NÃO TENHO ORGULHO DE SER TRANS, EU TENHO GRATIDÃO, PORQUE FOI UM MEIO QUE EU ENCONTREI DE SER QUEM EU SOU. EU TERIA ORGULHO SE EU PUDESSE DAR UM FILHO PRA MINHA ESPOSA.</p> |
| <p>BERNANDO FADE IN GC FADE OUT</p> | <p>ESSE EVENTO AQUI É UMA FORMULA MUITO BACANA DE COMO A GENTE PODE PEITAR O BRASIL: UM PAÍS TRANSFOBICO, QUE O BRASIL É. SÃO AS PESSOAS TRANS NA LUTA, E AS PESSOAS CIS COM RESPONSABILIDADE PRA COMBATER A TRANSFOBIA, PORQUE ISSO É UMA LUTA DE TODO MUNO.</p> |
| <p>PAMELA</p> | <p>É ESSE MEDO DO DIFERENTE, PORQUE, MUITAS VEZES QUANDO NÓS NÃO CONSEGUIMOS ENTENDER O OUTRO, RESPEITAR O OUTRO, É PORQUE PROVAVELMENTE ALGO DE DENTRO DE NÓS QUE ESTA EM CONFLITO, E AQUELA É UMA VITIMA QUE EU POSSO EXTERIORIZAR ESSE CONFLITO.</p> |

| | |
|---|--|
| FADE IN O QUE É SER TRANS? TÓPICO 7 | SOBRE TRILHA SONORA OUR DISTANCE.MP3 |
| FADE OUT | DESCE TRILHA |
| LIROUS | EU POLITICAMENTE, ME RECONHEÇO COMO TRAVESTI, POR SER UMA PALAVRA MARGINALIZADA, POR SER UMA PALAVRA EM QUE TEM UM PESO DIFERENCIAL DE DIZER QUE EU SOU UMA MULHER TRANS, OU QUE EU SOU UMA TRANS. ENFIM, TEM OUTRO PESO, AS PESSOAS ENXERGAM, COMO AQUELA DA PERIFERIA, A BARRAQUEIRA, A QUE TA NA ESQUINA, A MARGINALIZADA, A POBRE. |
| THÉO | E O GÊNERO É FORMADO NO CÉREBRO, E NÃO NO ÓRGÃO GENITAL. É UMA QUESTÃO DE CIÊNCIA. POR EXEMPLO, EU SOU DALTÔNICO. E NÃO SEI SE VOCÊ SABE, MAS SÓ HOMENS SÃO DALTÔNICOS. EU TENHO ATÉ UM LAUDO ATÉ. |
| LUIZ FERNANDO | O QUE É SER TRANS PRO LUIZ FERNANDO, É SER ALGUÉM QUE REVOLUCIONA TODAS AS FORMAS POSSÍVEIS E IMAGINAIS DE GÊNERO. É UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL, PORQUE CADA SOCIEDADE TEM UMA FORMA DE SER HOMEM E SER MULHER, E EU ROMPI, ESSA FORMA DE SER. MAS EU SOU UM HOMEM A MINHA MANEIRA, A MINHA CONCEPÇÃO. ENTÃO POR FAVOR, EU NÃO TENHO UM CÉREBRO DIFERENTE DO SEU, EU NÃO TENHO UM SENTIMENTO DIFERENTE DO SEU. |
| PAMELA | SER TRANS PRA MIM É TER CORAGEM. É ACORDAR TODO DIA, COM...DA A CARA A TAPA PARA O MUNDO, OLHAR NOS OLHOS DO PERIGO CADA VEZ QUE VC SAI NA RUA. SABER QUE AS VEZES VOCÊ VAI ENCONTRAR PESSOAS QUE NÃO VAI TE ENTENDER LOGO DE CARA. QUE VAI SER NECESSÁRIO PROCESSOS EDUCACIONAIS. É VOCÊ BATALHAR, MATAR MAIS QUE 15 LEÕES POR DIAS. ANDAR, PERCORRER, TRANSCORRER DIVERSOS OBSTÁCULOS, E MOSTRAR QUE VOCÊ É UM SER HUMANO, VOCÊ É UMA PESSOA, E A CIMA DE TUDO, VOCÊ NÃO ESTA QUERENDO SE FORÇAR |

| | |
|---------------------------------------|---|
| | POR CIMA DE NINGUÉM, VOCÊ APENAS QUER VIVER A SUA VIDA. |
| IMAGEM DA BADEIRA LGBT | SOBRE TRILHA SONORA OUR DISTANCE.MP3 |
| FADE IN CRÉDITOS | |
| FADE OUT FADE IN AGRADECIMENTOS | |
| FADE OUT | DESCE TRILHA |

8.2 Autorização

Eu Karine de Souza Silva, inscrita no CPF número 6.756689851, autorizo o uso de imagem e fala para o Trabalho de Conclusão de Curso de Lívia Lopes Rezende, inscrita no CPF 41906777870.

07. agosto de 2017

Karine de Souza Silva
Assinatura

Eu Lizete Vitor Fomaca Azeiteiro, inscrita no CPF número 06.261.690-93, autorizo o uso de imagem e fala para o Trabalho de Conclusão de Curso de Lívia Lopes Rezende, inscrita no CPF 41906777870.

21. Agosto de 2017

[Assinatura]
Assinatura

Eu Leão Enrico Lima Roda, inscrita no CPF número 410.925.675-06, autorizo o uso de imagem e fala para o Trabalho de Conclusão de Curso de Lívia Lopes Rezende, inscrita no CPF 41906777870.

11. Setembro de 2017

[Assinatura]
Assinatura

